

Os neologismos nos meios de comunicação social portugueses

*Tiago Freitas, Maria Celeste Ramilo,
Eva Arim*
ILTEC

Introdução

Os meios de comunicação social, por estarem em permanente contacto com uma parte muito significativa da comunidade linguística, são vistos como o principal veículo de difusão da língua-padrão. Pelo facto de a sua linguagem ser muitas vezes tomada como modelo de referência, é natural que condicionem ou incentivem certas tendências linguísticas dos falantes, sobretudo ao nível do vocabulário usado.

De acordo com alguns levantamentos estatísticos¹, existem programas de televisão que, em Portugal, chegam a ser vistos e ouvidos por cerca de quatro milhões e meio de pessoas. Trata-se de um número bastante elevado, tendo em conta que a população total não atinge os dez milhões e que existem outros programas televisivos transmitidos ao mesmo tempo.

O estudo que agora apresentamos tem como objectivo enumerar e descrever os neologismos produzidos nos meios de comunicação social, identificados de acordo com critérios lexicológicos e morfológicos bem estabelecidos. Os dados aqui publicados têm por base a análise do *corpus* REDIP, um *corpus* que contempla a linguagem produzida na rádio, televisão e imprensa, em Portugal, no ano de 1998. Nele estão incluídas gravações da Rádio Renascença, RDP (Antena 1 e Antena 2) e TSF, que correspondem à parte da rádio; da SIC, da RTP1 e RTP2, que correspondem à parte da televisão; e ainda artigos do *Diário de Notícias*, *Expresso* e *Público*. O *corpus* REDIP compreende um total de 324.000 palavras, dois terços das quais correspondem a língua falada. Além da divisão por meio, os textos encontram-se divididos por tema. Estão contemplados seis temas: actualidade, ciência, cultura, desporto, economia e opinião.

¹ Dados da Marktest e do Observatório da Comunicação.

1. Definição de neologismo

Definimos como neologismos as palavras novas da língua, isto é, as palavras que entraram há pouco tempo ou que ainda estão num processo de integração no léxico da língua. Esta acepção contempla não só palavras formadas dentro da língua², como é o caso de *cosmódromo*, *economês* e *megaprocesso*, mas também palavras provenientes de línguas estrangeiras, como *download* e *helpdesk*. Estes são exemplos de vocábulos recentes no léxico do português cujo uso não está confinado a um único domínio de especialidade e que não se prevê que deixem de ser usados num futuro próximo³. No entanto, a acepção dada contempla também (1) os vocábulos cujo uso não chega a generalizar-se e (2) os vocábulos que permanecem na língua por pouco tempo.

Como exemplos do tipo (1) temos, muitas vezes, os termos das linguagens de especialidade⁴. Consideremos duas palavras extraídas do *corpus* REDIP, observando os domínios em que são usadas e as acepções que lhes estão subjacentes:

Palavra	Domínio do conhecimento	Acepção
<i>dead wood</i>	economia	universo de pessoas que deixaram de ter uma acção produtiva numa empresa
<i>epidermólise</i>	medicina	doença da pele caracterizada pela formação de bolhas em todo o corpo

Como exemplos do tipo (2), temos várias ocorrências de estrangeirismos, por um lado, e de palavras que se prevê poderem ter uma vida efémera, designando realidades sociais ou políticas temporárias, por outro. Consideremos três casos extraídos do *corpus*:

Palavra	Acepção
<i>monteirista</i>	partidário de Manuel Monteiro, antigo dirigente do CDS-PP
<i>netizen</i>	persona que utiliza a internet frequentemente
<i>xyberboy</i>	rapaz que usa um computador acoplado ao corpo

² Não consideramos, no entanto, alguns tipos de formação de palavras, como a chamada sufixação avaliativa, de que são exemplo os sufixos *-inho* e *-zinho*. O elevado grau de previsibilidade destas formações torna impossível determinar com segurança se estamos perante novas palavras.

³ Com efeito, apesar de terem sido atestadas no nosso *corpus* de 1998, todas estas palavras encontram-se também em textos escritos de 2003.

⁴ Repare-se, contudo, que alguns termos das linguagens de especialidade chegam a generalizar-se, passando a fazer parte do léxico comum da língua. A palavra *dislexia*, por exemplo, originalmente usada no domínio da medicina, passou a ser empregue também na linguagem dos não especialistas. Nesse processo, a palavra sofreu uma extensão de significado. Deixou de denotar apenas uma perturbação na aprendizagem ou na compreensão da leitura para designar, informalmente, qualquer perturbação da fala (incluindo *lapsi linguae*, *gaguez*, etc.).

Apesar de a atribuição de novos significados a palavras já existentes ser também considerada um tipo de criação neológica⁵, neste estudo não pudemos considerar tais ocorrências por razões de ordem prática. Uma tarefa desse tipo obrigaria a uma análise mais minuciosa dos textos em causa, resultando num prolongamento excessivo do trabalho. Por outro lado, essa tarefa obrigaria igualmente a escolher um dicionário de referência, onde pudéssemos verificar todos os significados associados a uma determinada palavra, levantando os mesmos problemas com que nos deparámos em relação ao método de recolha e que seguidamente abordaremos.

2. Metodologia

Nesta secção, será explicitado o modo como procedemos à recolha das formas neológicas e como estas foram sucessivamente filtradas de acordo com critérios lexicográficos e morfológicos vários, até à obtenção da lista final.

2.1. Recolha das formas neológicas

Para recolher os neologismos existentes no *corpus*, usámos unicamente ferramentas lexicográficas: o corrector ortográfico FLiP⁶, o etiquetador de Eric Brill e o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, que foi utilizado como *corpus* de exclusão. Começámos por fazer uma recolha geral a partir de todos os textos do *corpus*, identificando as palavras assinaladas pelo corrector ortográfico. Nessa fase, foi feita uma selecção com o objectivo de eliminar todos os casos imediatamente identificados como:

- a) nomes próprios;
- b) palavras truncadas;
- c) formas correspondentes a erros de performance ou de grafia.

Posteriormente, procedemos a um outro tipo de recolha, visando obter unicamente os nomes comuns presentes no *corpus*. Com esta tarefa, pretendíamos extrair uma lista de palavras que nos permitisse calcular a percentagem de formas neológicas dentro do número total de ocorrências. Desta feita, ao invés de nos guiarmos pelas formas indicadas pelo corrector ortográfico, optámos por utilizar o sistema de obtenção de pares de palavras disponível no Centro de Linguística, um dos parceiros do projecto REDIP. Solicitámos que nos fosse dada uma lista com todos os nomes presentes no *corpus*, identificados como tal pelo etiquetador utilizado na mesma instituição.

2.2. Critérios para a selecção das formas neológicas

Após a obtenção das listas de ocorrências iniciais, a partir do corrector ortográfico e do etiquetador, iniciámos o processo de selecção dessas ocorrências, tendo por base um *corpus* de exclusão e tendo também em conta alguns critérios morfológicos que explicitamos e justificamos em seguida.

⁵ Trata-se de um fenómeno vulgarmente designado por *neologia semântica*.

⁶ Ferramentas para a Língua Portuguesa, versão 3.

2.2.1. Critérios gerais

A ideia fundamental subjacente à selecção por nós efectuada é a de que as palavras novas da língua são aquelas que não se encontram listadas num determinado *corpus* de exclusão. Este procedimento não é novo nos trabalhos dedicados à neologia, como nos diz Cabré (1990):

«Els neòlegs més recogenuts han prioritzat el paràmetre de la lexicografia com a criteri més sistemàtic per determinar la neologicitat d'una unitat lèxica. Amb aquesta opció, els problemes se centren, en conseqüència, en establiment del corpus lexicogràfic de referència o corpus d'exclusió.»

Como *corpus* de exclusão, optámos pelo *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001). A escolha desta publicação deveu-se a vários factores, entre eles o de ter sido essa a obra utilizada durante o processo de transcrição ortográfica das gravações do corpus e o de ser esse o dicionário português mais recente aquando do início deste trabalho. Relativamente aos efeitos práticos desta escolha, nota-se que o número de formas neológicas estrangeiras é menor do que se tivéssemos usado, por exemplo, o *Dicionário da Língua Portuguesa* (1999), e, por outro lado, que o número de formas neológicas correspondentes a terminologias específicas é maior do que se tivéssemos usado, por exemplo, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001).

A escolha de um dicionário de língua para determinar aquilo que é ou não um neologismo constitui, sem dúvida, uma opção discutível, uma vez que não sabemos até que ponto uma obra desse tipo pode dar conta do estado do léxico de uma língua. Esse problema é ainda mais grave quando estamos perante dicionários que não explicitam de forma satisfatória os critérios que presidiram à sua elaboração. Isso acontece com o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001), como acontece com todos os outros dicionários de língua portuguesa feitos em Portugal.

Um outro método de selecção de neologismos, alternativo ao processo lexicográfico aqui adoptado, passaria por realizar alguns testes perceptivos em que pedíssemos às pessoas para classificar as palavras do corpus de acordo com a sua intuição, avaliando o seu carácter neológico. Contudo, essa opção compreenderia igualmente vários problemas de ordem técnica e teórica: por um lado, teríamos de seleccionar um grupo de falantes que pudesse representar a comunidade linguística em geral e o conhecimento lexical a ela associado; por outro lado, teríamos de partir de um conjunto de palavras pré-determinado, o que nos remete novamente para a questão das ferramentas lexicográficas disponíveis.

2.2.2. Critérios morfológicos

As listas de formas neológicas obtidas foram submetidas a uma última depuração baseada em critérios morfológicos. Trata-se de critérios relacionados com a frequência de certas estruturas de formação de palavras e o que isso implica em termos de atestação lexicográfica.

Nesse sentido, não foram consideradas as palavras modificadas pelo prefixo *re-* nem as estruturas com sufixos avaliativos. Estas palavras foram excluídas, mesmo não estando dicionarizadas, pelo facto de integrarem afixos modificadores que, ao se adjungirem a bases atestadas, geram palavras com um significado previsível⁷. Este foi também o tratamento dado aos casos de formas verbais infinitivas que passam a nomes comuns⁸ e aos casos de adjectivos convertidos a partir de participípios passados.

3. Resultados

Apresentam-se em seguida os resultados percentuais correspondentes à distribuição dos neologismos em todo o *corpus*, considerando as classes de palavras em que se verifica maior inovação lexical e os tipos de criação neológica mais produtivos. Apresentaremos também a percentagem de neologismos criados no português por oposição aos provenientes de outros idiomas.

3.1. Quadro geral

Apresentamos aqui os resultados percentuais correspondentes à distribuição dos neologismos em todo o *corpus*, começando por observar a produtividade das diferentes categorias lexicais e de cada um dos processos de criação de palavras e contabilizando depois a ocorrência de neologismos vernáculos por oposição a neologismos provenientes de outras línguas. Consideraremos depois a representatividade destes processos dentro da categoria dos nomes e dos adjectivos⁹.

3.1.1. Todos os neologismos

De acordo com os nossos critérios de selecção, existem 487 neologismos no *corpus* REDIP. A maior parte pertence à classe nominal, como seria de esperar, tendo em conta os resultados obtidos noutras recolhas¹⁰ e tendo também em conta que esta classe de palavras é normalmente encarada como a mais aberta de todas as classes lexicais.

⁷ Existem excepções a esta regra. Um dos casos com que nos deparamos no nosso *corpus* foi o nome comum *organito*. Esta palavra é formada com um sufixo avaliativo mas, por apresentar um significado não composicional ('parte elementar diferenciada na célula com a excepção do núcleo'), sendo usada numa terminologia específica (biologia), não foi eliminada da lista.

⁸ Descrevemos este processo da seguinte maneira: todas as formas verbais infinitivas do português podem ser transformadas em nomes atemáticos, sem restrições à formação do plural, por um processo de sufixação nula.

⁹ As classes verbais e adverbiais não foram submetidas ao mesmo tratamento pelo facto de apresentarem um número de formas reduzido.

¹⁰ Por exemplo, nas listas de neologismos publicadas pelo grupo de trabalho RDUES, da Universidade de Liverpool, vemos que, do total de formas registadas (eliminando da contagem os nomes próprios e os adjectivos derivados de participípios, tal como fizemos em relação ao *corpus* REDIP), setenta por cento são nomes comuns. Estes números baseiam-se numa recolha de formas neológicas feita a partir de textos do jornal *The Independent*, no mês de Abril de 1998. A etiquetagem das ocorrências foi feita com recurso a um etiquetador automático.

Também Lieko (1998), trabalhando com um *corpus* de neologismos produzidos por crianças finlandesas, observou que, do total de formas construídas por composição e derivação, sessenta por cento eram nomes.

Relativamente ao modo como são produzidos os neologismos, verificámos que a importação de palavras estrangeiras é o processo com maior produtividade, seguindo-se a composição e a derivação. Trata-se de resultados que vêm pôr em causa a ideia da derivação como o processo de criação de novas palavras por excelência.

3.1.1.1. Por categoria

Passando, então, aos resultados relativos à distribuição por categoria, temos que os nomes, como já referimos, estão claramente acima das restantes classes, com uma fatia de cerca de setenta por cento do total de neologismos. Seguem-se os adjectivos, com vinte e três por cento dos casos, vindo depois os verbos e advérbios, muito abaixo, com resultados percentuais que não chegam sequer aos cinco por cento. Na tabela abaixo estão apresentados os diferentes valores obtidos para cada categoria:

Categoria	Percentagem
Adjectivos	23%
Advérbios	2%
Nomes	69%
Verbos	3%
Outros	3%

3.1.1.2. Por processo

Como já tivemos oportunidade de comentar, os resultados correspondentes à distribuição dos neologismos por processo são surpreendentes pelo facto de colocarem a importação lexical em primeiro lugar, em detrimento da derivação, que à partida poderia ser considerada mais produtiva. O que se verifica, com efeito, é que a derivação apenas surge como o terceiro processo mais frequente, sendo inclusivamente ultrapassada pela composição. Abaixo da derivação encontramos a modificação e ainda outros processos como a siglação e a eponímia. Observemos os resultados em valores percentuais:

Processo	Percentagem
Composição	26%
Derivação	22%
Importação lexical	27%
Modificação	17%
Outros	8%

3.1.2. Neologismos vernáculos vs. neologismos estrangeiros

Apesar de a importação lexical ser um processo bastante significativo nos nossos dias, não ultrapassa, em termos de produtividade, a criação de palavras que é feita dentro da língua. Apresentamos no quadro abaixo os valores apurados:

Neologismos vernáculos	Neologismos estrangeiros
73%	27%

3.1.3. Nomes

Dentro da classe dos nomes, verificámos que a preponderância da importação lexical se acentua, agora com um valor acima dos trinta por cento. A derivação, pelo contrário, apresenta uma percentagem de casos ainda menos expressiva do que antes, claramente abaixo da composição, que aqui aparece com uma percentagem idêntica à que tem no quadro geral. Observemos, então, os números correspondentes:

Processo	Percentagem
Composição	28%
Derivação	16%
Importação lexical	33%
Modificação	13%
Outros	10%

3.1.4. Adjectivos

É curioso verificar que, dentro da classe dos adjectivos, os resultados relativos à distribuição dos neologismos por processo são completamente diferentes daqueles que observámos em relação à classe nominal. Os neologismos estrangeiros correspondem a apenas quatro por cento do total, sendo que o processo mais relevante é a derivação, com trinta e cinco por cento dos casos. Nesta classe, a modificação ocupa um lugar de maior relevo, compreendendo quase trinta por cento dos casos. Os resultados completos estão indicados na tabela que se segue:

Processo	Percentagem
Composição	26%
Derivação	35%
Importação lexical	4%
Modificação	29%
Outros	6%

3.2. Neologismos em números

Apresentamos nesta secção uma tabela com os números finais da nossa recolha:

Neologismos		Vernáculos				Estrangeiros
		Processo				
		Derivação	Composição	Modificação	Outros	
Nomes	336	53	95	44	31	113
Adjectivos	112	41	28	32	6	5
Verbos	16	9	1	6		
Advérbios	10	7			1	2
Outras classes	13				2	11
Totais	487	110	124	82	40	131

3.3. Neologismos por tema e por registo

Ao analisarmos a distribuição dos neologismos por tema, verificámos que o maior número de formas neológicas presentes no *corpus* provém da área da ciência e da tecnologia. Trata-se de um resultado esperado, tendo em conta que esse é um campo onde existe uma grande necessidade denominativa. Tal como nos diz Carvalho (1983):

«A necessidade de nomear suas novas criações faz com que contribuam não só para a linguagem técnica, mas para a linguagem em geral, pois ambas, ciência e técnica, participam do nosso dia-a-dia, transformando-o, facilitando as tarefas, mudando os hábitos, acelerando o ritmo, em resumo modificando os padrões comportamentais.»

É interessante verificar que, neste tema, ocorrem mais neologismos no registo oral do que no registo escrito, o que contraria a tendência geral observada. Com efeito, setenta e quatro por cento dos neologismos deste tema foram colhidos em gravações da rádio ou da televisão.

Em relação aos restantes temas, verifica-se que a actualidade e a cultura têm também um elevado índice de ocorrências, mas sobretudo no registo escrito. O desporto, por seu lado, ganha relevância pelo facto de ser o tema em que os falantes recorrem menos à produção de neologismos.

No que respeita à divisão entre neologismos vernáculos e neologismos estrangeiros, verificámos que a tendência geral (os primeiros aparecem com pelo menos o dobro da frequência dos segundos) se mantém, excepto na parte que corresponde ao discurso oral na ciência, como já referimos, e nos textos escritos da economia e do desporto.

Observemos os números correspondentes¹¹:

¹¹ O total de ocorrências listadas nesta tabela é ligeiramente superior ao número total de neologismos visto que alguns destes neologismos aparecem em mais de um tema.

Neologismos por Tema		Portugueses			Estrangeiros		
		Escrita	Oral	Total	Escrita	Oral	Total
Actualidade	92	48	19	67	20	5	25
Ciência	114	20	51	71	10	33	33
Cultura	92	49	24	73	9	10	19
Desporto	36	17	10	27	9	-	9
Economia	88	30	31	61	17	10	27
Opinião	70	41	17	58	8	4	12

Em termos da distribuição total por registo, verifica-se, como esperado, que os neologismos aparecem com maior frequência na escrita do que na oralidade. Percentualmente, a discrepância não é muito significativa, mas é preciso ter em conta que a parte escrita corresponde a apenas um terço do *corpus*. Confrontemos os números:

Neologismos na escrita	Neologismos no oral
57%	43%

3.4. Percentagem de neologismos no corpus

Para conseguir obter um valor indicativo da percentagem de neologismos por comparação com o número total de palavras diferentes do *corpus*, optámos por considerar apenas as ocorrências da classe nominal. Esta opção resulta do facto de não nos ter sido possível obter o número total de ocorrências diferentes relativo às outras classes, dado o grau de imprecisão do etiquetador utilizado. Por outro lado, a inclusão das outras categorias na contagem poderia conduzir a resultados tendenciosos, no sentido em que se trata de classes mais fechadas e, logicamente, menos produtivas. É ainda de referir que incluímos no conjunto de formas neológicas alguns casos de sintagmas e frases importados de outras línguas, casos esses que não poderiam integrar uma contagem mais generalizada.

Passando, então, aos resultados concretos, verificamos que, do total de nomes comuns registados no *corpus*, cinco por cento são neológicos:

Nomes comuns neológicos	Nomes comuns não neológicos
5%	95%

3.5. Análise dos neologismos por processo

Os principais processos de criação de neologismos dentro da língua são, como foi referido, a composição, a derivação e a modificação. Nesta secção estão identificados os afixos mais frequentes na derivação e na modificação, e também as estruturas e radicais que aparecem com maior frequência na composição.

3.5.1. Composição

No seguimento da tipologia proposta em Villalva (2000), optámos por dividir os neologismos obtidos por composição em dois conjuntos: compostos morfológicos e compostos morfo-sintáticos¹². Verificámos, então, que existem no *corpus* mais compostos do primeiro tipo (63%) do que do segundo (37%).

Como exemplo de compostos morfológicos temos as palavras *franco-americana* e *infoesfera*. Como exemplo de compostos morfo-sintáticos temos as palavras *região-piloto* e *trota-mundos*.

Apresentamos em seguida uma lista com os radicais mais frequentes nestas estruturas. Apenas listamos aqueles que ocorrem com uma frequência igual ou superior a cinco. Como se pode ver, trata-se invariavelmente de radicais neoclássicos:

Radicais mais frequentes nas estruturas de composição morfológica	
Radical	Número de ocorrências
<i>auto</i>	11
<i>tele</i>	8
<i>ciber</i>	6
<i>luso</i>	5

3.5.2. Derivação

No que respeita à derivação, procurámos identificar os sufixos mais produtivos na construção de nomes e também na construção de adjectivos. No quadro que se segue, apresentamos os quatro sufixos mais produtivos em cada um dos processos, listando também alguns dos exemplos encontrados.

Sufixos de derivação mais frequentes		
Nominalização		
Sufixo	Ocorrências	Exemplos
<i>-idade</i>	5	<i>governabilidade, jogabilidade, literalidade</i>
<i>-ismo</i>	5	<i>capitulacionismo, empreendedorismo, monteirismo</i>
<i>-mento</i>	5	<i>desgarramento, rastreamento, subestabelecimento</i>
<i>-ção</i>	4	<i>credibilização, desterritorialização, sequenciação</i>

¹² Os compostos morfológicos resultam da concatenação de radicais, ao passo que os compostos morfo-sintáticos são formados por duas ou mais palavras que integram expressões sintáticas.

Adjectivalização		
Sufixo	Ocorrências	Exemplos
-ico	10	<i>cravístico, deôntico, génico, geoestratégico</i>
-al	6	<i>aplicacional, ferroviária, mitocondrial, prudencial</i>
-iano	3	<i>ellingtonianas, keynesianas, scarlattiana</i>
-ista	3	<i>gaullista, hardwerista, monteiristas</i>

3.5.3. Modificação

No seguimento dos critérios de selecção inicialmente explicitados relativamente à previsibilidade das formações com sufixos avaliativos, apenas foram estudados os casos de modificação obtida por meio de um prefixo. Alguns dos prefixos analisados apresentam altos níveis de frequência. No quadro que se segue apresentamos os quatro mais frequentes:

Prefixos de modificação mais frequentes		
Sufixo	Ocorrências	Exemplos
<i>ex-</i>	15	<i>ex-amante, ex-atleta, ex-formação, ex-seleccionador</i>
<i>super-</i>	12	<i>superautoestrada, supercolisionador, superconservador</i>
<i>anti-</i>	8	<i>anti-maustricht, antimarxismo, anti-patinagem</i>
<i>pré-</i>	8	<i>pré-cognitivo, pré-haydniano, pré-jornalista</i>

4. Conclusão

Deste estudo se conclui, em primeiro lugar, que a derivação não é o processo de criação de novas palavras por excelência, cabendo esse lugar à importação lexical. Na verdade, a derivação apenas aparece em terceiro lugar na tabela de processos mais frequentes, sendo ultrapassada pela composição.

A classe dos nomes é, de longe, aquela em que se verifica o maior número de inovações lexicais, com mais de dois terços do total de formas atestadas. Segue-se, na lista, a categoria dos adjectivos, aparecendo depois a classe dos verbos e, por fim, a dos advérbios.

Apesar de a importação lexical ser o processo de criação de palavras mais significativo, não o é a ponto de suplantarem todos os processos de criação que operam dentro da língua. Com efeito, cerca de três quartos dos neologismos identificados são neologismos vernáculos.

Os resultados obtidos num estudo sobre neologismos dependem sempre, em grande medida, dos critérios de selecção das formas. Cientes deste facto, não podemos deixar de pensar no quão diferentes poderiam ser os números finais deste estudo caso tivéssemos optado por outro *corpus* de exclusão e por uma filtragem menos rigorosa em certos casos. No entanto, estamos em crer que as opções tomadas foram correctas e que as justificações que apresentámos para fundamentá-las são lexicológica e morfologicamente válidas.

Referências

- Arim, Eva & Tiago Freitas (2003) Parassíntese e conversão: uma nova explicação para um velho problema. In *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri.
- Cabré, Maria Teresa (1990) La neologia, avui: el naixement d'una disciplina. *Límits*, 9.
- Carvalho, Nelly Medeiros de (1983) *Linguagem jornalística: aspectos inovadores*. Secretaria de Educação de Pernambuco. Recife: Associação de Imprensa de Pernambuco.
- Casteleiro, João Malaca (coord.) (2001) *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.
- Costa, J. A. & A. S. e Melo (coords.) (1998) *Dicionário da língua portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Houaiss, António & Mauro de Salles Villar (2001) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Lieko, Anelli (1998) Lapsen kielen uudissanat. *Virittäjä*, 102.
- Mateus, Maria Helena Mira et al. (2003) *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Mateus, Maria Helena Mira & Margarita Correia (orgs.) (1998) *Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Villalva, Alina (2000) *Estruturas morfológicas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Villalva, Alina (2001) Morfologia. Textos de apoio. Texto policopiado.
- Xavier, Maria Francisca & Maria Helena Mateus (orgs.) (1992) *Dicionário de termos linguísticos*. Volume 2. Lisboa: Edições Cosmos
- Yaguello, Marina (1988) *Catalogue des idées reçues sur la langue*. Paris: Éditions du Seuil.